

BUZIGUIM

Cacaso

Buziguim quem era? Ora, minha senhora; que horror, meu senhor! Buziguim era ele mesmo, senhor de truques e rebolados, vigarista do interior. Uma espécie de Cassi Jones, aquele vagabundo familiar de que falava Lima Barreto. Um delinquente caseiro. Este é o ponto: caseiro. Do interior de São Paulo, talvez Bebedouro, Ribeirão Preto, Colina, acho que Barretos. Era um vigarista tão cabal, tão reconhecidamente vigarista, que acabou famoso. Buziguim era moço e tinha saúde. Vamos dizer que tinha uns vinte e sete anos, por volta dos trinta. Era magrinho, esbelto, tinha bigodinho e aparecia pouco. Era um espadachim notívago. Uma espécie de três mosqueteiros. Tive o prazer de vê-lo ao vivo umas duas ou três vezes. Era o contrário da lei. Transgredia. Adulterava. Pactuava. Aprontava. O que ele mais fazia bem, além de tratar com mulheres, era jogar sinuca. Um taco fulminante. Era campeão municipal, e parece que ainda dedilhava um violão bem entoadado, seresteiro. Uma simpatia.

Buziguim: qual era o seu nome? E sobrenome? O que sei a seu respeito são nomes e sobrenomes. Por exemplo: Aldinha Arantes. Foi o caso dele que mais me scandalizou, quando ele comeu essa Aldinha. Dirá o leitor: ora, tanta gente come tanta gente, e não há mal nenhum nisso... Direi: é, só que o caso que conto dele ocorreu no interior de São Paulo, há mais de quarenta anos atrás. E com a Aldinha. Aldinha Arantes. Essa Aldinha usava maiô de peça única, e nadava na piscina do Grêmio Recreativo e Literário. Mostrava as coxas. Provocava à maneira do caipirismo que viceja ali nas imediações de Uberaba e Barretos, nas águas do Rio Grande, onde Minas e São Paulo se misturam. Caipirismo tão sensual quanto proi-

bido. Aldinha era loirinha, nem alta nem baixa, pés bem feitos, podia-se contar cinco dedos em cada um. O dedão do pé não era orgulhoso, sem deixar de ser bonito, bem torneado, de boa presença. Os demais dedos eram um complemento natural, iam diminuindo aos poucos, sucessivos, singelos, mais que perfeitos. Os pés da Aldinha alimentaram minha imaginação estética na infância. Infância? Estética? Eu já devia ter uns onze anos, já batia punheta, e tudo. De noite, no footing, ali no jardim da praça, aquilo para mim era sexo puro. Ou impuro. As mulheres eram proibidas. A Aldinha também. O que sei é que o Buziguim meteu uma bola na caçapa. Quando a notícia correu, eu quis morrer. Então a Aldinha abriu as pernas para o Buziguim? Então o Buziguim não tinha fim? Era uma depois da outra?

A última que lembro dele foi aquela quando ele comeu uma beata velhota, dessas que organizam quermesse. O malfeitor vestiu-se de padre, de batina preta e tudo, e foi lá pra capela da matriz da Fortaleza, que é um subúrbio de Barretos, se é que Barretos tem subúrbio... Essa capela costumava ficar meio erma, desabitada... Muitas vezes o padre esperava, e os fiéis não apareciam. Muitas vezes estes apareciam, mas o padre faltava. Vagava. Foi numa dessas que o Buziguim entrou. Disfarçou o bigode. Dispensou a brilhantina. Ficou ali no confessionário bem sorrateiro. Aquelas tardes eram únicas. Desertas. Certas beatas sem assunto, sem sonhos, mas com vício de rezar, apareciam. Desta vez quem apareceu foi a Tudo-Azul, uma senhora que nasceu no século passado, fraca, sem parentes, cheia de culpas. Buziguim não vacilou: pediu que ela ficasse até mais tarde, até a hora do Ângelus, quando os sinos tocam um tema contrito, e as almas ficam prestes à absolvição eterna. O certo é que a Tudo-Azul ficou por ali, até que o pseudo-sacerdote aproximou-se, noitinha caindo, e disse-lhe, à meia voz: "Vamos ali detrás do altar?..." E ela: "Sim senhor...; o senhor é que sabe..." Chegando lá ele disse: "A pureza é filha da nudez! Tire a roupa!... Seja bem-vinda à fé cristã!..." E ela: "É pra já; o Senhor é meu senhor..." Resultado: a Tudo-Azul foi possuída pelo vigarista, que fez-lhe a barba, o cabelo e o bigode. Indagará o leitor: mas como assim? Deitados? Em pé? Pois vos digo: de quatro. O malvado botou a velhota de gatinhas em cima de uma poltrona santa, e traçou-lhe. Depois disso, a Tudo-Azul, que já era um ser passado, passou de vez.

O Buziguim, dizem, papou ainda outras beatas, aí pela faixa dos cinquenta aos setenta anos. O que ele queria mesmo era só dizer baixinho, cochichado, em seus ouvidos: "Vou esporrar no seu cuzinho, vovó; vou encher seu cuzinho...; abênção, vovó..." Pois bem: o impacto do macabro ti-ti-ti ainda estava fresco, e o que foi que o desgraçado fez? Comeu a Aldinha! Então aquela putinha ficava nua na frente de homem? Peladinha? Minha desilusão com a vida foi tão grande, que virei poeta. Minha primeira preocupação foi rimar. Rimar palavras consola muito. Minha poesia nasceu da frustração sexual. Ou melhor: do sucesso sexual alheio. Meu mal, é a inveja sexual. Oh rimas, consolem-me!

Assim que correu a notícia, a cidade ficou de cabelo em pé. Era transgressão demais para uma província só. Os poderes públicos locais agiram, algo foi urdido em surdina. Em breve a Aldinha deixou a cidade, diziam que tinha ido para o litoral de Santos. Essa, caiu em desgraça. Buziguim também sumiu. Em dois tempos comprou um caminhão, e vivia de fazer fretes, ganhando um dinheirinho lá pela Noroeste. O caso em si, quem viu, diz que foi assim: uma bela noite, o inspetor do Grupo Escolar Coronel Almeida Pinto voltava pra casa, cheio de justo sono, quando viu, por debaixo da porta de uma oficina mecânica, luz... Era tarde. Não era hora de ter luz. O inspetor anotou. Foi direto à delegacia. Como o delegado estivesse na zona, falou com um soldado de plantão. Este, como estivesse de farda, não perdeu tempo. Reuniu mais meia-dúzia, e foram lá. Levantaram a porta, intimaram, arrocharam. E viram: todo mundo nu. Ao amanhecer, tudo foi abafado. O pai da Aldinha botou dinheiro e abafou. Foi um escândalo. Para mim, que era um menino em fase de crescimento sem pressa, foi uma precipitação. Fui parando de fantasiar. Fui ficando voltado pra dentro. Formando meu caráter no silêncio. Quando alguém expunha uma regra, uma idéia, eu duvidava. Mas duvidava calado. O mundo virou uma coisa pra mim. Uma coisa que até hoje eu vivo com dificuldade. Fiquei variado. Muitos atos meus, daí em diante, eu não soube entender.

Nesse tempo, fui visitar uma fazenda que meu pai havia acabado de comprar em Mato Grosso, na serra da Bodoquena. Fiquei lá uns três dias, comendo e dormindo. Tinha sonhos esquisitos; a comida parecia muito pesada. Tive um surto de ereção. Fiquei de pau duro, fui ficando, ficando, e ali não havia mulher. Minha tesão era meio metafísica, meio ecológica. Pelo menos era o que eu pensava. Numa tarde, embrenhei mata adentro. Achei conchas, caramujos, algas cristalizadas. Tive visões do mar. E o pau duro. Embrenhei mais ainda, andei, andei, andei, e acabei chegando num barranco muito alto, cheio de vegetação marítima. Mas ali não tinha mar. Olhei para o horizonte, não tinha perdão... Puxei o pau, cuspi nele, e fui ficando... Meu pensamento era a Aldinha. A Aldinha pelada; o Buziguim pelado. Bom de taco. A tarde agonizava, vermelha, cheguei a pensar em Deus. Mas não havia Deus na serra da Bodoquena. A noitinha caía e fui ficando calmo, sem pressa de voltar, sem querer avisar onde eu estava.

Inexplicavelmente, fui tirando a roupa. Lembro-me que nada aconteceu. A não ser que em dado momento comecei a soluçar. Lacrimejei, soluicei mais, comecei a chorar. De início baixinho, meio surpreso. Mas fui aumentando o volume, e em breve chorava aos gritos. Chorava aos cântaros, às bandeiras despregadas. Chorei muito. Chorei como até hoje não chorei igual. Chorei de pau duro. Inconsolável. Desamparado. E gritava: "Aldinha Arantes!... Aldinha Arantes!..." E chorava, e chorava. Fiquei muito menino. Bem aliviado. De lá pra cá, virei outro.